



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Antropologia

**Análise das Percepções sobre as Práticas dos Crimes Cometidos por Jovens na
Cidade de Maputo: O Caso do Bairro da Polana Caniço “ A ”**

Autor: Horácio Agostinho Rodrigues Furo

Supervisor: Johane Chibai Zonjo

Maputo, Novembro de 2017

**Análise das Percepções sobre as Práticas dos Crimes Cometidos por Jovens na Cidade de
Maputo: O Caso do Bairro da Polana Caniço “A”**

Autor

(Horácio Agostinho Rodrigues Furo)

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito Parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Novembro de 2017

Declaração de Honra

Eu, Horácio Agostinho Rodrigues Furo, declaro pela minha honra, que o presente trabalho de pesquisa nunca terá sido antes apresentado para a obtenção de qualquer grau, constitui o produto da minha autêntica e exclusiva autoria, tanto que o seu conteúdo difere consideravelmente de qualquer outro que antes terá dissertado sobre o assunto. Os autores e as fontes consultados estão devidamente citados ao longo do texto e em ordem alfabética na bibliografia.

Autor

(Horácio Agostinho Rodrigues Furo)

Dedicatória

À memória dos meus pais Agostinho Rodrigues Furo e Isabel Alberto José. Deixe que eu me lembre dos tempos que passamos juntos tão claros e felizes, apesar de serem tempos difíceis. Aos quais gostaria de ter convivido durante o meu crescimento.

Paz às vossas almas!

Agradecimentos

É com profunda gratidão que escrevo esta página para dirigir os meus agradecimentos em primeiro lugar à Deus, por todas as suas bênçãos que derrama sobre mim a todo instante, pela saúde, cuidado e protecção concedidos a cada dia, mesmo quando esquecemo-nos de agradecer-lhe pelo milagre da nossa existência.

Agradeço a todos quanto apoiaram-me de uma forma directa ou de outra, na minha vida académica, em particular para o meu Tio Abuxama Rodrigues Furo, por ter proporcionado mais uma realização em minha vida. Obrigado por ter lutado e vencido por mim, mesmo que para isso, tivesse que se sujeitar aos muitos sacrifícios. E, também, pelo grande apoio ao partilhar as minhas preocupações e alegrias o que incentivou-me e ajudou-me a estudar desde o Ensino Secundário, o que realmente gosto, a perseguir os meus sonhos, mesmo que estes pareçam difíceis de alcançar.

Ao Dr. Johane Chibairo Zonjo, meu supervisor e orientador, pela inestimável disponibilidade em ouvir as minhas ideias e a dar-me a atenção necessária para que se tornassem exequíveis e, por se prontificar de forma sábia sugerindo e orientando-me na produção deste trabalho para que eu alcançasse os objectivos preconizados.

Meus agradecimentos vão também para todos os meus professores do Departamento de Arqueologia e Antropologia, que incansavelmente se empenharam em transmitir-me conhecimentos durante o curso de licenciatura em Antropologia, o que contribuiu para que eu tivesse as competências necessárias para a conclusão deste curso.

Aos participantes da pesquisa, que foram-me úteis na explicação e compreensão da reflexão em causa, sem vocês este trabalho não teria o significado que o caracteriza. A todos meus colegas do Curso de Antropologia 2012, pelas discussões incessantes, principalmente após os dias de provas, bem como por termos compartilhado o aprendizado antropológico. Agradecimento especial vai para Cármen de Castro Cassiano Ussene, minha esposa, que me apoiou em vários momentos críticos e, que sempre esteve na minha companhia durante esta formação académica, à minha profunda gratidão.

Abreviaturas e Acrónimos

CEA-Centro de Estudos Africanos

DAA-Departamento de Arqueologia e Antropologia

FLCS-Faculdade de Letras e Ciências Sociais

HCM-Hospital Central de Maputo

OMM Organização da Mulher Moçambicana

INE-Instituto Nacional de Estatística

PRM-Polícia da República de Moçambique

UEM-Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

Este estudo analisa as percepções sobre as práticas dos crimes cometidos por jovens na Cidade de Maputo: o caso do Bairro da Polana Caniço “ A”. Para a materialização do mesmo, optou-se pela pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e observação directa para captar as percepções sociais e efeitos do crime dentro de um contexto social específico e entender como as pessoas naquele Bairro convivem com tais práticas. Com tais residentes entender em que medida os comportamentos dos jovens do Bairro da Polana Caniço “ A ” na Cidade de Maputo geram percepções e práticas associadas à criminalidade.

O estudo constatou que o crime é desencadeado pelos próprios residentes deste Bairro para proveito próprio. Neste Bairro assiste-se a falta de interacção entre os residentes e a Polícia da República de Moçambique, visando à denúncia dos criminosos para posterior acção de captura pela Polícia desses mesmos criminosos para uma análise e esclarecimento dos variados crimes que assolam o Bairro.

A conclusão a que se chega é que a realidade descrita em epígrafe, deriva do facto de reinar o medo de fazer a denúncia dos criminosos porque pode resultar em ajustes de conta protagonizados pelos denunciados, ou porque existe uma relação de familiaridade entre os residentes e os criminosos em causa, cujos produtos resultantes do crime com eles partilham no seu auto-sustento.

Palavras-chaves: Percepções, Práticas, Crime e Criminalidade.

Índice	
Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Abreviaturas e Acrónimos	iv
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	1
1.Problemática	1
2. Objectivos	3
3. Justificativa	3
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA	5
2.1 Métodos de Pesquisa.....	5
2.2 Etapas de recolha de dados	6
2.3 Técnicas de pesquisa.....	7
2.4 Pesquisa bibliográfica e documental.....	7
2.5 Entrevistas semi-estruturadas.....	8
2.6 Conversas informais.....	8
2.7 Uso do bloco de notas	9
2.8 Constrangimentos durante a Pesquisa.....	9
CAPÍTULO III: REVISÃO DE LITERATURA	10
3.1 O crime na reflexão antropológica.....	11
3.2 A reflexão sobre o crime em Moçambique.....	14
CAPÍTULO IV: BREVE CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO DA POLANA CANIÇO “ A ”	Error! Bookmark not defined.
CAPÍTULO V: PERCEPÇÕES DOS RESIDENTES DO BAIRRO DA POLANA CANIÇO “A” NA CIDADE DE MAPUTO SOBRE O CRIME	20
5.1 “Não se pode deixar qualquer tipo de mercadoria defronte de uma casa ou quintal sem guarnição”	21
5.2 “Não se pode andar à noite”	22

5.3 “As nossas casas não são seguras”	24	
CAPÍTULO VI: PRÁTICAS DE CRIMES NO BAIRRO DA POLANA CANIÇO “A” O		
<i>MODUS OPERANDI</i> DOS CRIMINOSOS		27
6.1 Agressões físicas e violência na via pública	28	
6.2 Os arrombamentos nas residências em pleno dia e na calada da noite	31	
6.3 Roubos e assaltos à mão armada nas residências e estabelecimentos	33	
6.4 O consumo de drogas	36	
6.5. Consumo excessivo de bebidas alcoólicas	38	

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

O presente estudo é um relatório de pesquisa realizado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Antropologia, no Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Neste trabalho, pesquisou-se acerca das *Percepções sobre as práticas dos crimes cometidos por Jovens na Cidade de Maputo: o caso do Bairro da Polana-Caniço "A"*.

1.1 Problemática

O interesse por este tema começa por um artigo intitulado *Criminalidade no Bairro Polana "A"* publicado no *Jornal Notícias* da autoria de Rogério Tadeu que referia o seguinte:

"O presente ano está a ser difícil para os moçambicanos. De todos os cantos só se ouvem gritos de lamentações não só em relação ao elevado custo de vida mas também devido ao aumento ou recrudescimento da criminalidade. Depois de relativa calma, os moradores do Bairro da Polana-Caniço, " A " na Cidade de Maputo, clamam pela intervenção dos agentes da Polícia da República de Moçambique para conter a onda de criminalidade que nos últimos tempos tem vindo a afectar esta zona residencial " (Tadeu 2016: 9).

Para o articulista

[...] Esta situação está a deixar agastados os moradores, que diariamente se esforçam em garantir o pão na mesa na base do trabalho honesto e vêm-se despojados dos seus haveres num abrir e fechar de olhos. Os criminosos que perturbam a ordem e segurança no Bairro da Polana-Caniço para além de assaltarem na via pública, invadem as residências, retiram os bens e, sem dó nem piedade, violam mulheres (Idem).

Há muita gente a entrar para o desemprego devido à crise económica; há negócios que estão a entrar em falência também devido a crise económica; nossos compatriotas também viajam

para as regiões Centro e Norte para adquirirem diversos produtos para posterior venda devido à tenção político-militar. Este e outros factores fazem com que as pessoas encontrem pretexto para a prática do crime. Por isso, as autoridades policiais devem estar atentas a estes fenómenos de modo a desencorajar a prática do crime. Uma pequena distracção pode ser prejudicial para os cidadãos, como está a acontecer no Bairro da Polana Caniço, “A” em que os moradores não conseguem descansar devidamente por causa dos assaltantes (Idem).

Deste modo, a presença dos agentes da Polícia, de modo particular no período da noite, é fundamental para desencorajar os criminosos. Aliás, se os criminosos tomarem conhecimento de que a Policia está presente quer de dia quer de noite nos bairros periféricos, acredito que se sentiriam retraídos para a prática do crime. Quem arriscasse a contrariar a ordem estabelecida correria o risco de ser apontado e passar muitos anos na cadeia (Idem).

O autor do artigo acrescenta ainda que:

[...] Não se pode deixar que o crime comprometa não só a vida dos cidadãos como também mine o sonho de muitos compatriotas que querem ver melhoradas as condições sociais. Por exemplo, muito tempo se leva para adquirir os bens essenciais para a residência e custa acreditar que num ápice os bens podem desaparecer. Faço votos para que as autoridades encontrem alternativas para inverter este cenário actual caracterizado por reclamações constante do aumento da criminalidade. Recorde-se que há pessoas que deixaram de estudar no período da noite por terem sido vítimas de assalto. “Por favor, a noite, a escuridão, favorecem o ladrão, sendo assim é justo que a Polícia se faça presente nestes momentos” (Idem).

Neste Bairro, ao anoitecer as vias ficam escuras principalmente as que dão acesso aos quarteirões. Os residentes temem passar em locais sem iluminação, degradados, de muita concentração de pessoas, circulação a sós e, no período nocturno principalmente quando estão sem companhia, porque é lá onde se escondem os criminosos que promovem os assaltos e as agressões físicas contra as suas

vítimas. Um indivíduo pode estar seguro se escolher caminhar por ares iluminadas, mas sobretudo, com uma companhia. Ao caminhar porem, deve prestar sempre atenção ao que esta ocorrendo ao seu redor.

Esta narrativa e outras sugerem que a criminalidade é praticada pelos jovens, o que criou em nós uma preocupação de querer aprofundar mais sobre este assunto, visto que este fenómeno preocupa igualmente os moradores do Bairro da Polana Caniço “A” da Cidade de Maputo, bem como a sociedade em geral. Na base dessa problemática elaboramos a seguinte pergunta de partida: Em que medida os comportamentos dos jovens do Bairro da Polana Caniço “A” na Cidade de Maputo geram percepções e práticas associadas à criminalidade?

1.2 Objectivos

De um modo geral, o objectivo deste estudo é de analisar as percepções sobre as práticas dos crimes cometidos por jovens no Bairro da Polana Caniço “ A ”, na Cidade de Maputo. De forma específica, o estudo visa: (i) analisar as práticas dos criminosos na Cidade de Maputo, concretamente no Bairro da Polana-Caniço “A”; (ii) discutir os distintos crimes protagonizados por jovens; e (iii) descrever as percepções e práticas de crimes existentes bem como caracterizar os actores envolvidos na prática da criminalidade.

1.3 Justificativa

A pertinência pelo estudo do crime no Bairro da Polana-Caniço “ A ” na Cidade de Maputo, resulta do facto de ser um tema que tem sido objecto de variados debates dentro do espaço público, político, *média* e académico porque trata-se de um assunto que preocupa a sociedade em geral. Por outro lado, o crime se constitui como um fenómeno social passível de ser estudado pela Antropologia. Nesta vertente, através da Antropologia podem se captar as percepções sociais e efeitos do crime dentro de um contexto social específico e entender como as pessoas naquele Bairro convivem com tais práticas e que significados se constroem. Recorrendo à Antropologia criminal, ela analisa o fenómeno criminológico na sua vertente holística, ou seja, biopsicossocial, onde se faz a análise do homem na sua totalidade.

O grande marco a inaugurar realmente os estudos criminológicos encontra-se no surgimento do Positivismo e, mais especificamente, na chamada Antropologia Criminal. Nessa ocasião opera-se uma mudança singular no que diz respeito ao objecto das preocupações da ciência criminal. Enquanto a Escola Clássica Liberal preocupava-se com o estudo dos postulados jurídico-penais, procurando desenvolver uma formulação teórico-dogmática do Direito Penal, o advento da Antropologia Criminal propicia uma alteração de perspectiva, voltando os olhos da pesquisa científico-criminal para o estudo do fenómeno do crime e, especialmente, da figura do criminoso.

Deve ser atribuído à Lombroso o mérito de ser o primeiro a impulsionar os estudos que dariam origem à Criminologia. Ele iniciou, com a sua Antropologia Criminal, os estudos do homem criminoso, razão pela qual tem sido considerado o verdadeiro “ Pai ” da Antropologia Criminal. A partir dele, começam os mais distintos campos de pesquisa de elementos endógenos capazes de propiciarem o comportamento criminoso.

Portanto, com este estudo esperamos contribuir para o conhecimento científico e reforçar as abordagens sobre a problemática do crime em Moçambique. Para o efeito, o presente estudo está organizado em sete capítulos: O primeiro capítulo é da introdução onde apresentamos a problemática, os objectivos e a justificativa. O segundo capítulo dedica-se à apresentação da metodologia de pesquisa. O terceiro capítulo é da revisão de literatura. Neste capítulo são apresentadas as abordagens teóricas de vários autores que escrevem sobre a criminalidade.

O quarto capítulo faz a caracterização da Cidade de Maputo e do Bairro Polana-Caniço “ A ” ; no quinto capítulo debruçamo-nos sobre as percepções dos residentes do Bairro da Polana Caniço “ A ” sobre o crime; no sexto capítulo, analisamos as práticas de crimes no Bairro da Polana Caniço “ A ” , os *modus operandi* dos criminosos; no sétimo capítulo, apresentamos as considerações finais que se centram nas principais ideias do trabalho e as referências bibliográficas consultadas.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia usada na pesquisa, as etapas da mesma e as técnicas usadas na recolha de dados.

2.1 Métodos de Pesquisa

Para a realização da pesquisa usamos o método etnográfico, que permitiu-nos compreender as percepções sobre as práticas dos crimes cometidos por jovens no Bairro da Polana Caniço “A” na Cidade de Maputo. Apoiamo-nos nas ideias de Geertz (1978), ao afirmar que o método etnográfico também pode ser entendido como um esforço intelectual ou “um risco elaborado para uma descrição densa”. Ou seja, a busca por significados que são produzidos pelas acções e fenómenos percebidos pelo pesquisador e pelos pesquisados, interpretadas e descritas de forma aprofundada pelo etnógrafo.

Ainda segundo Geertz (1989) a cultura ou a realidade social do grupo a ser estudado deve ser interpretada como um texto, “um manuscrito” estranho onde se constrói uma leitura através de uma descrição densa das estruturas de significados. Para Geertz, é preciso que o etnógrafo esteja o mais próximo possível dos sujeitos da sua pesquisa, realizando a pesquisa antropológica no sentido de uma “experiência pessoal”, onde ele deve conviver e entender a vida nativa através de conversas, observações e experiências na busca por significados, mas não se transformar em um nativo.

E o uso da etnografia como método desta pesquisa, deveu-se a possibilidade que este oferece na realização de uma pesquisa baseada no contacto directo com o seu objecto de estudo, que reflecte pela ida ao campo, tal como coloca Lakatos e Marconi (2003). Este método permite igualmente compreender o nativo por meio de um olhar atento, de uma escuta sensível e de uma escrita adequada, com o objectivo de identificar as singularidades e os sentidos locais. De acordo com estas normas, fizemo-nos ao campo com objectivo de ver, ouvir e descrever sobre o crime e a criminalidade protagonizados por jovens na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A”, o que permitiu-nos fazer levantamento das percepções e práticas dos crimes.

A observação directa permitiu-nos vivenciar os comportamentos dos participantes da pesquisa em interacção uns com os outros no decorrer das suas actividades, valorizando as falas das pessoas envolvidas na pesquisa, com uma preocupação descritiva¹. Essas técnicas foram usadas tendo em conta os argumentos de Quivy & Campenhoudt (2005), ao garantirem que a observação directa e participante são os métodos mais privilegiados da investigação social, porque permitem captar os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmo, sem a mediação de um documento ou de um testemunho.

2.2 Etapas de recolha de dados

A realização do trabalho decorreu em três fases. A primeira fase foi de gabinete. Esta fase tinha como objectivos recolher informação sobre o assunto em análise e as investigações anteriores sobre a temática. Nesta fase consultaram-se obras que abordam sobre assuntos relacionados com a criminalidade. Esta fase foi realizada na Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), no Centro de Estudos Africanos (CEA) e na Biblioteca Central Brazão Mazula da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Na segunda fase, realizou-se uma pesquisa exploratória de cariz etnográfica no Bairro da Polana Caniço “A” que serviu de ponto de entrada para a realização da pesquisa e constatámos que o crime era a conversa do dia-a-dia dos residentes, pelo que optámos em explorar com exactidão.

¹ Durante a pesquisa, tivemos a oportunidade de observar um extraordinário momento de crime que aconteceu contra uma senhora por sinal avó duma participante da pesquisa que fora esfaqueada nas costas e no peito por volta das cinco horas da manhã, por um grupo de jovens desconhecidos de uma idade compreendida entre treze a dezassete anos de idade. O cenário aconteceu quando esta senhora ia comprar alface à grosso no Mercado do *Xiquelene* para posteriormente, revender a retalho no Mercado Janete, cuja maneira de agir e comportar-se das pessoas ao redor perante este fenómeno serão descritos no corpo de trabalho. Também a observação directa obrigou-nos a ter um contacto com a realidade e esta ocorria no momento em que detínhamo-nos a ver, ouvir e escrever sobre as práticas e percepções do crime cometidos por jovens neste Bairro.

A observação participante decorreu no momento em que o pesquisador regressava da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em direcção a sua casa no Bairro em estudo e foi até a Praça da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) onde subiu o transporte, vulgo “*chapa*”, que faz o trajecto no troço entre a Baixa da cidade à Praça dos Trabalhadores vulgo *Xiquelene*, passando pelo entroncamento da esquina do *Compone* com a Rua do Hospital da Polana Caniço “A” e a Rua da Soveste. Durante esse intervalo de tempo, recebeu uma chamada telefónica e, quando estava para atendê-la, foi arrancado por desconhecido, o seu telemóvel pela janela do carro.

Na tentativa de recuperar o seu telefone, desceu do referido “*chapa*”, perseguiu o tal indivíduo desconhecido, que na ocasião já tinha feito larga distância. Quando procurou saber se alguém naquele local conhecia-lhe, ninguém se pronunciou sobre o assunto. Esses momentos foram úteis para poder compreender que, algumas práticas criminais são cometidas individualmente e podem acontecer a qualquer período do dia.

O interesse pelo assunto aumentou, razão pela qual optamos em pedir credencial no Registo Académico da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) na Universidade Eduardo Mondlane, para a nossa legitimação do estudo. Depois, apresentamo-nos às autoridades comunitárias do Bairro, onde procurámos fazer o mapeamento da área e, junto dos residentes, procurámos entender as percepções sobre as práticas dos crimes cometidos por jovens neste Bairro.

De forma aleatória, começamos com a nossa questão de partida sobre o assunto em estudo, cujo processo foi feito em algumas residências de todos os quarteirões. Dos que se mostravam interessados em conversar mais sobre o assunto, trocávamos os números de contactos telefónicos, onde alguns residentes davam acesso as suas casas para mais conversas sobre o assunto em estudo. Deste modo, para as conversas subsequentes, eram marcadas dependendo da disponibilidade destes.

O critério da escolha dos participantes, deveu-se ao facto dos mesmos mostrarem-se disponíveis em conversar sobre o assunto em pesquisa, porque preocupava-lhes sobremaneira, pelo facto dos mesmos terem sido afectados pelo objecto do estudo. As diversas narrativas que eles sugerem sobre o crime e a criminalidade, mostram que este fenómeno é praticado na sua maioria por jovens nas residências das suas vítimas e na via pública. O trabalho de campo teve o começo no mês de Junho de 2015 até Novembro de 2016. A última fase foi a elaboração do trabalho.

2.3 Técnicas de pesquisa

Nesta pesquisa usamos como técnicas a pesquisa bibliográfica e documental; entrevistas semi-estruturadas; conversas informais e uso de blocos de notas.

2.4 Pesquisa bibliográfica e documental

Esta técnica tinha como objectivos recolher informações sobre o assunto em análise e as investigações anteriores sobre a temática. Neste processo, consultamos obras que abordam sobre Antropologia Criminal, Antropologia em Moçambique e sobre o crime.

2.5 Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas semi-estruturadas que usamos permitiram-nos estabelecer uma relação mais aberta, através da qual aspectos importantes que foram sugeridos, permitiram colocar outras questões mais abertas no decorrer da pesquisa. Também facilitaram-nos colocar questões que nos possibilitaram esclarecer aspectos que se tornavam pouco claros ao longo da observação. As entrevistas semi-estruturadas com os participantes eram feitas aos moradores nas suas residências, nos locais de actividade de pé ou sentados, debaixo de árvores de mafurreiras e canhoeiros, alguns a venderem seus produtos (negócio informal).

Os participantes não só falavam das diversas percepções e práticas dos crimes cometidos por jovens nesta zona residencial, mas também as entrevistas semi-estruturadas foram aplicadas nesta pesquisa por constituírem uma técnica que possibilita captar atitudes, motivações e opinião acerca do que os entrevistados consideravam como sendo aspectos relevantes num determinado problema. Esta técnica é inspirada em Richerdson (1999), ao proferir que as entrevistas semi-estruturadas permitem captar atitudes, motivações e opiniões acerca dos entrevistados.

No total foram 15 participantes, com idades compreendidas entre dezanove (19) e sessenta e nove (69) anos de idade, sendo nove (9) participantes do sexo masculino e os restantes do sexo feminino. Consideramos importante a recolha de dados junto destes dois grupos de participantes de faixas etárias e sexos opostos, de modo a verificar as suas semelhanças e diferenças no que concerne ao objecto de estudo desta investigação. Em termos de naturalidade ou proveniências, cinco (5) são naturais de Maputo Cidade, dois (2) de Maputo-Província, três (3) são provenientes da Província de Gaza, dois (2) da Província de Inhambane e três (3) são provenientes das províncias de Nampula, Sofala e Zambézia, respectivamente e todos residentes do Bairro da Polana Caniço “A”.

2.6 Conversas informais

Outra técnica na qual recorremos foi as conversas informais, onde os membros desta comunidade estiveram mais à vontade para exporem aquilo que são as suas percepções sobre práticas dos crimes cometidos nesta área periférica da Cidade de Maputo. As conversas informais eram feitas quase em todo o momento nas residências dos nossos participantes, na via pública e nos locais dos seus

negócios, nos momentos de lazer e nas barracas. Essas conversas eram feitas individualmente e colectivamente e ocorriam em diversos locais tendo em conta a disponibilidade dos participantes. Esta técnica foi usada como forma de complementar os dados a partir da observação.

2.7 Uso do bloco de notas

Optamos também por usar o telefone que servia para marcar encontros com os nossos participantes e blocos de notas para o registo dos dados recolhidos no processo da pesquisa do campo. O uso de blocos de notas permitiu-nos registar as conversas e as entrevistas tidas com os participantes no campo, e o material dos aspectos que foi possível observar durante a nossa estadia no campo. A combinação destas técnicas de recolha de dados permitiu-nos também recolher as narrativas contadas sobre o que os criminosos fazem e as observações no campo possibilitaram-nos a ver, ouvir e escrever sobre as percepções e práticas dos crimes cometidos por jovens nesse Bairro.

2.8 Constrangimentos durante a Pesquisa

Deparamo-nos com dois constrangimentos. Numa primeira fase foi difícil integrarmo-nos no seio dos moradores devido a natureza delicada do assunto de pesquisa, uma vez que nalgum momento, os participantes do estudo mostraram-se “ fechados ” por pensarem que se tratava de Agentes da Polícia Secreta. Tentamos explicar mas apercebemo-nos que o clima de “ desconfiança ” prevalecia. Para superar este problema, fomos pedir credencial na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e apresentámo-la junto da estrutura comunitária do Bairro e explicamos que a finalidade da pesquisa era meramente académica.

O segundo constrangimento, está associado à questão linguística. O pesquisador não tendo conhecimentos sólidos sobre as Línguas Changana e Ronga, que são predominantes na Cidade de Maputo e arredores, particularmente no Bairro da Polana Caniço “A”, deparou-se com certas dificuldades de interacção com alguns participantes da pesquisa. Como forma de solucionar esta questão, recorreu a um indivíduo com conhecimentos sólidos daquelas línguas para a tradução ao longo do trabalho de campo e na transcrição das entrevistas.

CAPÍTULO III: REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com o estudo realizado por Dias e Andrade (1997) intitulado *Criminologia. O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*, é a partir dos meados do século XIX, que se desenvolvem em diversos países, os primeiros métodos de identificação criminal com recurso à ciência e à tecnologia. Desde então, o manejo de informações sobre indivíduos duvidosos ou condenados pela prática de um crime representa uma das modalidades de vigilância burocrático-estatal que mais convoca instrumentos científico-tecnológicos. Desde a Antropometria ao recurso à Genética na actualidade, assiste-se a uma expansão do controlo Estatal e institucional sobre reclusos, através da colheita, armazenamento e análise de informações de carácter físico visual e biológico.

Ao longo deste percurso, apenas um pressuposto se manteve estabilizado. Quem se envolve em crime é, necessariamente diferente, e só essa diferença, seja ela biológica, psicológica ou social permite explicar, e eventualmente prevenir, os comportamentos criminosos. Este pressuposto marcou todas as reflexões teóricas que foram desenvolvidas até quase ao final do século XX (Ferreira 2000).

A criminalidade aparece em todas as sociedades e civilizações, integra o mundo actual, tanto nas grandes cidades, quanto nos lugares mais isolados. Sendo o crime obra do homem, passou-se a considerar várias ciências que contribuem para o conhecimento da personalidade humana (antropológica, sociológica, psicológica, psiquiatria, etc.), passando a serem estudados e pesquisados os fenómenos criminosos como manifestação das características sociais da criminalidade (Idem).

De acordo com Baratta (2011) na sua obra intitulada *Criminologia Critica e Critica ao Direito Penal*, sustenta que o positivismo criminológico surgiu na Itália no final do século XIX, tendo como precursores os estudiosos Cesare Lombroso, Enrico Ferri e Raffaele Garófalo. A partir da corte positivista, de acordo com Baratta (2011), o crime passou a ser entendido como uma realidade ontológica pré-constituída e o criminoso, como um indivíduo diferente em seu aspecto biológico.

Na óptica do Branco (1980:61) no seu estudo sobre a criminologia, sustenta que a Escola Positivista, além de estabelecer um novo sistema teórico, também criou uma ciência autónoma, responsável por analisar o crime e o criminoso, que foi denominada por Garofalo como Criminologia. Foi a partir dos

estudos antropológicos de Lombroso, sociais de Ferri e jurídicos de Garofalo, que este novo campo ganhou notoriedade e passou a equivaler-se, em seu conteúdo teórico, ao direito penal.

Um outro estudo realizado sobre a criminologia foi de Conde (2008:31), o qual procura explicar cientificamente as causas do crime, focalizando unicamente no autor, sem levar em consideração o contexto em que este existia, aproximando a culpabilidade do atavismo. Na óptica de Conde, o positivismo penal propunha que a criminalidade seria inerente ao indivíduo e poderia ser identificada pela ocorrência das características físicas descritas por Lombroso. Logo, tal teoria foi desenvolvida e aprimorada pelos demais pensadores positivistas, entre estes Ferri e Garofalo, o que garantiu credibilidade e verosimilhança às teorias da Escola e à Criminologia. Assim, com o fortalecimento desta, não correspondia mais ao Direito Penal, de forma exclusiva, a criação de meios que defendessem a sociedade dos criminosos (Idem).

3.1 O crime na reflexão antropológica

A crítica à teoria clássica do Direito inicia-se com a própria história da antropologia social moderna, especialmente com os trabalhos empíricos dos pais-fundadores da disciplina, Franz Boas e Bronislaw Malinowski. Este último dedicou-se ao estudo da Economia e do Direito nas Ilhas Trobriand, no início do século XX, cujas pesquisas e resultados teóricos tornaram-se fundamentais na Antropologia, particularmente, a jurídica.

O trabalho de Bronislaw Malinowski, intitulado *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*, publicado em 1926, resultado de pesquisa de campo e, de longa permanência nas Ilhas Trobriand, na Melanésia, tornou-se um clássico da literatura antropológica. Esta obra traz contribuições advindas da observação directa, para um novo olhar sobre o Direito. Ela favorece um olhar ao Direito em suas relações com a realidade, com a vida do dia-a-dia, e não em um plano imaginário, idealizado e especializado, como ocorre no caso da teoria clássica do Direito. Trata-se de importante obra para o estudo do Direito, porém, no campo desta disciplina é pouco conhecida e explorada.

Malinoswski (2003), com o *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*, realizou a primeira etnografia moderna sobre o chamado “direito primitivo”, questionando e abrindo um novo campo de

prospecção à antropologia. Segundo o autor, há várias perspectivas lançadas sobre as sociedades primitivas. Uma delas trás os reflexos do grande senso comum, do pensamento de massa que afirma inexistir qualquer tipo de sociedades primitivas.

Sob uma segunda óptica, argumenta-se a existência de sociedades que, mesmo sem o conhecimento racional das ideias de uma organização social regulamentada, são organizadas por “leis” que surgem a partir dos costumes do cotidiano da sociedade. Para Malinoswski, ambas as perspectivas são equivocadas. Existe lei nas sociedades selvagens, todavia essas leis não são percebidas simplesmente a partir de ideias consuetudinárias como defendem alguns antropólogos.

De outra forma, numa perspectiva funcionalista verificada diante da análise das forças sociais de um grupo, verificou-se que as normas que regem uma sociedade primitiva derivam do respeito e da reciprocidade. Para o autor era esse o fundamento da existência de uma ordem numa sociedade selvagem. Não obstante inexistência de instituições coercivas nas sociedades primitivas, sob uma análise indutiva, não significa que as forças sociais que impelem um comportamento determinado, sejam diferentes daquelas que existem nas sociedades complexas.

Para Foucault (1975), na sua obra *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*, afirma que o sistema punitivo não deve ser compreendido por suas funções sociais negativas (repressão), mas pelas funções sociais positivas ligadas aos processos de produção. Relaciona as práticas penais com o domínio ou controle das forças corporais para produzir docilidade e utilidade, concebendo as relações de produção como política do corpo, pela qual as relações de dominação permitem utilizar o corpo como força produtiva (poder), mas controlada, ou seja, a constituição de um poder (político) sobre o poder (produtivo) do corpo.

As novidades de Foucault são os conceitos (a) de poder disciplinar, a estratégia das classes dominantes para criar uma ideologia de submissão definindo o sistema de justiça criminal como gestão diferencial das ilegalidades (cujos elementos seriam a polícia, a prisão e a delinquência); e (b) de bio-poder social, exercido sobre a população viva, cuja lógica é a luta política como continuação da guerra por outros meios (Foucault 1975).

O olhar sociológico de Durkheim recusa a motivação individual como factor relevante para a explicação do fenómeno da criminalidade. O precursor da sociologia moderna não considera o crime resultado de defecções biológicas ou psicológicas, mas como uma modalidade de conduta “irregular” que deve ser analisada não em função de supostas anomalias do sujeito, mas das estruturas da sociedade (Molina 2010).

De acordo com Durkheim (1995), no seu estudo intitulado *Regras do Método Sociológico*, esclarece que o crime é normal dentro duma sociedade porque “seria inteiramente impossível uma sociedade que se mostre isenta dele” e necessário, pois “ele se liga às condições fundamentais de toda a vida social e, por isso mesmo, tem sua utilidade; pois estas condições de que é solitário são, elas próprias, indispensáveis à evolução das normas da moral e do direito”.

Para este autor, o funcionalismo defende a normalidade e funcionalidade do crime, dando crédito à própria sociedade a origem do comportamento criminoso. Para o funcionalismo de Durkheimiano, o crime é um fenómeno normal de toda estrutura social, e somente quando este coloca em risco a ruptura dos laços sociais e atinge taxas de crescimento exageradas daí que assume o carácter de anormalidade. Fica claro que, conforme o entendimento de Durkheim, o crime deve ser analisado em seus aspectos exógenos, uma vez que a causa de sua explicação está na colectividade e é nela que se deve buscar as explicações para os factos sociais, e não nos indivíduos que a compõem. (Durkheim 1995).

Segundo Fernandes com o seu estudo *A Criminologia Integrada*, argumenta que a principal função do crime é a sua consequência, a de provocar na sociedade o seu papel preservativo de estabelecer os limites morais do comportamento humano individual e comunitário. Para Durkheim, “o crime une consciências rectas e as concentra” (Durkheim, apud Fernandes, 2002: 285). Para ele, o crime não é encontrado somente na maioria das sociedades desta ou daquela espécie, mas em todas as sociedades de todos os tipos. Não existe nenhuma em que não haja alguma forma de criminalidade.

A respeito desta questão, Cabette na sua obra intitulada *A Criminologia do século XIX*, ressalta que, a partir do momento que o crime excede certos limites, o sistema de regras ou normas de conduta perde valor, provocando, conseqüentemente, um estado de desorganização, ao qual Durkheim

denominou de “anomia”. Fica evidente que, o funcionalismo criminológico de Durkheim repele as causas do desvio criminal advindo de factores biológicos e patológicos, atribuindo explicação à criminalidade à estrutura social (Cabette 2007).

De acordo com Durkheim, no seu estudo sobre as *Regras do Método Sociológico*, sustenta que os crimes manifestam-se directamente numa dissemelhança demasiado violenta entre o agente que o executou e o tipo social, ou então ofendem o órgão da consciência comum. Tanto num caso como no outro, a força atingida pelo crime e a que a repele é a mesma; ela é um produto das semelhanças sociais mais essenciais e tem por efeito manter a coesão social que resulta dessas similaridades (Durkheim 1995).

3.2 A reflexão sobre o crime em Moçambique

Em Moçambique há autores que tratam da questão do crime e suas percepções. Todavia, uma das referências antropológicas sobre o crime é Henri-Alexandre Junod. Na sua obra intitulada *Usos e Costume dos Povos Bantu*, escrita há mais de 100 anos, Junod mostra que, no que concerne aos casos judiciais e o sentido da justiça, os bantu têm um sentido muito forte da justiça. Crêem na ordem social e, no cumprimento da lei que, embora não seja escrita, é universalmente conhecida. A lei é o costume, o que sempre se fez. Os velhos, os conselheiros, e destes, sobretudo, os da capital, são os que podem falar com autoridade. De várias questões que se apresentam aos tribunais indígenas notamos que os bantu são geralmente pessoas pacíficas e respeitadoras da lei, pelo menos em circunstâncias normais, sendo raros levados ao crime quando não cometem excessos alcoólicos (Junod 1996).

Em relação aos casos de Processo Civil, Junod (1996) não afirma que os Tsongas conheçam a diferença exacta entre os casos de Processo Civil e os casos de Processo penal, pois um só tribunal julga uns e outros e todos os casos são designados pela mesma designação, milandru. Se alguma distinção existisse, seria antes entre casos privados e casos oficiais. Os casos privados são os que são regulados directamente pelas duas partes a que dizem respeito, sem a intervenção do chefe. Os casos oficiais são aqueles em que a questão (mhaka) foi levada à capital. Os chefes de aldeia, já o

realçaram, procuram eles mesmos regular as desavenças. Se o conseguem, tanto melhor, a multa é reduzida ao mínimo; se vão ao tribunal, é duplicado, destinando-se ao chefe metade do seu valor.

As questões relacionadas ao Processo Penal são as que acabam em pancadas, os homens feridos correm à praça pública a mostrarem os ferimentos. Os agressores têm de pagar uma multa de oito libras, três para o chefe e cinco para a vítima, ou dois bois, um para o chefe e outro para o queixoso. Em relação ao homicídio, é feita distinção entre o homicídio involuntário que é um acidente (mhangu), e o assassínio premeditado. No caso do homicídio involuntário, Junod (1996), descreve como segue o processo: *se tu mataste um homem por acidente, numa caçada por exemplo, procura arrumar a questão directamente com os pais do morto, se sois bons amigos: os teus pais dão-lhes uma filha. Tu não ousarás oferecer a tua própria filha, pois poderiam recusá-la, por isso, poder ferir os seus sentimentos.*

De acordo com este autor, este processo fazem-no acompanhar de dez enxadas e um boi e, entregando-as, dizem: “Aqui está a gordura para untar a nossa filha”. A ideia que está na base deste costume não é a de que uma pessoa humana é a compensação natural que se deve oferecer por uma outra pessoa humana, mas a de que se dá à família diminuída o meio de recuperar a sua perda. Com efeito, logo que a rapariga dê um filho aos pais do morto, ela é livre. Se desejam conservá-la como mulher, devem pagar o seu *lovolo*.

Viguet explica isto com o velho ditado indígena: *N’ombekaziayihambinandru*: Uma vaca que teve um filho não paga uma dívida, é o vitelo que a paga. E acrescenta que as dez enxadas levadas com a rapariga pagam as costelas do homem morto (os Tsongas crêem que o corpo humano só tem dez costelas), (Junod, 1996: 391-392). Os casos de homicídio involuntário não são levados ao chefe. A lei é bem conhecida e ninguém procura fugir ao seu dever. Se o homicida não estava em boas relações com o defunto, o caso então é diferente, e tem que ser discutido perante ele. Se o homicídio é voluntário, é punido com a morte.

Era essa a pena quando os indígenas tinham ainda o poder de condenar à morte. Agora, a multa consiste também na entrega duma mulher. Mas não é a família do morto que toma a rapariga, por causa do ódio que existe e do temor de ser obrigada a *lovolar* pessoa de família do homicida. Aquela

é vendida pelos parentes e o dinheiro é entregue ao queixoso, (Junod, 1996: 392). Entre os Rongas, quando um parente próximo do morto se quer vingar matando o assassino, os seus impedem-no para poderem apresentar a questão ao chefe. A multa pode ser então elevada até vinte e cinco libras, mas a ideia é ajudar a família enlutada a adquirir uma nova mulher e, por meio dela, novos membros. Quanto ao assassino, olham-no com desdém, e toda a comunidade come, à parte, uma semana inteira.

Há todavia, actos injuriosos que são considerados como crimes. Se se põe sangue humano, saliva ou excrementos num pau e, se mete este na boca de uma criança, por exemplo, este acto é considerado como um insulto que deve ser julgado pelo tribunal. Todo aquele que comete um acto semelhante tem de pagar uma multa que corresponde a um *lovolo* inteiro. Apontar alguém com o dedo indicador é também um insulto grave que pode ter consequências judiciais, pois é um acto em estreita relação com o *vuloyi*. (Junod, 1996: 395). De acordo com este autor, o roubo (*kuyiva*) é considerado universalmente mau tanto por causa do seu carácter imoral, quanto pelo facto de tornar impossível a via social. A noção da “*propriedade individual, embora não esteja tão desenvolvida como nas nações mais civilizadas, está, todavia na base de todo o sistema bantu*”.

Para Maló (2017), no seu estudo intitulado *Moradores de Mugarodes e suas Experiencias em torno do crime: estudo de caso a partir da Baixa da Cidade de Maputo*, no qual explica que os crimes frequentes praticados pelos meninos no contexto de rua na baixa da cidade são crimes contra propriedades nomeadamente: furtos qualificados ou furtos simples podendo ser arrombamentos de viaturas com recurso a força física subtracção de vários bens em veículos, roubo de espelhos faróis, ou seja, acessórios que facilmente são desmontados na viatura, furto ou roubos de telemóveis, carteiras fios e brincos com recurso a violência física, venda e consumo de vários tipos de drogas principalmente canissativa vulgarmente conhecido por Surruma.

Diferentemente do Maló (2017); Félix (2015) no seu estudo intitulado “Mecanismo de Gestão de Casos de Roubos entre os Residentes do Bairro Polana Caniço “A”, Cidade de Maputo”, defende que ao anoitecer as vias de acesso no interior deste Bairro ficam escuras propiciando para a prática da criminalidade.

De acordo com Félix (2015) para gerirem essas situações os residentes receiam passar principalmente quando estão sem companhia, porque é lá onde se escondem as pessoas que roubam e promovem assaltos contra outras pessoas. Os residentes, funcionários e estudantes fazem o esforço de regressarem cedo as suas moradias por medo, mas nem todos conseguem chegar antes de escurecer devido a distância que percorrem do seu trabalho para casa, assim como a dificuldade que enfrentam para aceder aos transportes semi-colectivos nas horas de ponta. Algumas pessoas logo que descem dos transportes sem-colectivos permanecem na rua principal, solicitam alguém da família ou uma pessoa amiga para acompanhá-las durante a caminhada pelos becos escuros, como forma de intimidar os malfeitores que se estalam (Félix, 2015).

Ainda segundo Félix, mesmo com essa precaução que os residentes adoptam muitas vezes são assaltados, posteriormente retirados bens como: telefones celulares, computadores, dinheiro, carteira. Qual o alvo não possui nenhum desses bens - lhe é retirada a roupa que leva consigo no momento: a camisa, as calças, os sapatos e ainda é fisicamente agredido e finalmente avisado para não voltar a andar a noite sem que tenha algo de valor consigo, deixando ele ir totalmente nu para o seu destino. As residências particulares não escapam dessa violência. As portas e janelas são arrombadas mesmo com a presença dos seus proprietários no interior (Félix, 2015).

Em muitos casos os agressores andam em grupos de forma a facilitar a execução do trabalho que exercem. Quando se fazem aos corredores, fica um de cada lado quando alguém passa por lá, eles começam aproximar-se fazendo com que o seu alvo fique no meio, sem nenhuma possibilidade de fuga. Também se tem visto alguma movimentação de agente da Polícia da Republica de Moçambique (PRM), somente nas principais ruas que por sinal são as que possuem iluminação (Félix 2015).

Por outro lado, autores como Paulino (2003) na sua obra intitulada *Criminalidade Global e Insegurança local – O caso de Moçambique*, e Brito (2002) na sua obra intitulada, *Os Condenados de Maputo*, apontam que, no contexto moçambicano, o debate e reflexão sobre a criminalidade é um fenómeno recente, trata-se na verdade, de um debate provocado pela problemática de superlotação nas cadeias. Por isso, embora o crime tenha ganhado visibilidade no início da década 90, ele entrou para o debate académico e foro público durante o ano de dois mil, mas o mesmo ainda contínuo. Na

linha de pensamento destes dois autores, é a partir da década noventa (90) que a criminalidade começou a recrudescer e a se fazer sentir nas representações e percepções da sociedade moçambicana, principalmente nas Cidades de Maputo, Beira e Nampula, e hoje a criminalidade generalizou-se e é encarada como um problema social.

Nesta óptica, o mapeamento da violência na Cidade de Maputo, analisado por Paulino (2003) e Brito (2002) indicava que as taxas de criminalidade eram mais elevadas nos bairros periféricos, sobretudo, pobres (Polana-Caniço, Maxaquene, Chamanculo, Mafalala, urbanização etc.), áreas que perfazem o cinturão urbano pouco atendido por infra-estruturas urbanas, por ofertas de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura.

Para Brito, (2002) na sua obra intitulado *Os Condenados de Maputo*, procurava encontrar uma informação sistemática sobre a origem e os grupos de pertenças dos jovens criminosos, assim como os factores da sua passagem a vida delinvente e a variação em função dos tipos de delitos. Com este estudo, concluiu que a entrada para o mundo do crime está ligada aos processos de desintegração da célula familiar, de marginalização e exclusão social.

Ainda em Moçambique, verifica-se essa diversidade e sofisticação criminal, que se expressa em roubos, furtos simples e qualificados, fogo posto, abuso sexual, homicídio qualificado, ofensas corporais voluntárias simples, corrupção, crime contra a ordem e tranquilidade pública, os crimes contra as pessoas, tráfico de drogas e seres humanos, falsificação de moeda, documentos, etc, (Ministério do Interior 2008).

CAPÍTULO IV: BREVE CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO DA POLANA CANIÇO “ A ”

O Bairro da Polana Caniço “A” localiza-se na periferia da cidade de Maputo. Administrativamente, localiza-se ao Norte da cidade de Maputo, no Distrito Urbano nº 3 «Kamavota». Ao Norte é limitado pelo Bairro Maxaquene “D”, ao Sul pelo Bairro Sommerchild, a Este pelo Bairro Polana Caniço “B”, a Oeste pelo Maxaquene “C”. O Bairro tem uma extensão de 31Km² e possui 45.893 de habitantes dos quais 22.322 do sexo masculino e 23.571 do sexo feminino de acordo com (Conselho Executivo da Cidade de Maputo e Cooperação Francesa, 1992). Das línguas articuladas, distinguem-se o *Changana* e *Ronga* e, devido às suas semelhanças, pode-se observar durante a fala dos participantes, ambas as línguas são recorrentes e se influenciam. Das línguas mais faladas destacamos a língua Portuguesa, *Ronga* e *Changana*.

A cidade de Maputo, onde se situa o Bairro da Polana Caniço “ A ” , é uma zona estratégica dada a sua localização geográfica e a existência de inúmeras infra-estruturas socioeconómicas tais como caminhos-de-ferro, portos, e auto-estrada que faz a ligação com a República da África do Sul, que permite a entrada e saída de diversos produtos e possui um parque industrial considerável, incluindo as fábricas de bebidas como a 2M. A cidade conta com redes sanitárias e possui um Hospital Central, e quatro hospitais gerais nomeadamente (José Macamo, do Chamanculo, da Mavalane, Polana-Caniço 1º de Maio) e sete Centros de Saúde.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) (2004), a Cidade de Maputo, é a capital do país e é considerada a maior do ponto de vista socioeconómico ocupando uma área de 316km² e possui uma população estimada aproximadamente em 1.244.227 habitantes. Este município estende-se desde o extremo Norte do rio Maputo, à faixa Oeste da Baía do Maputo fazendo limite com o Município da Matola e o Distrito de *Maracuene*. O Município tem trinta e cinco bairros dos quais sete são urbanos e os restantes são peri-urbanos e suburbanos.

CAPÍTULO V: PERCEPÇÕES DOS RESIDENTES DO BAIRRO DA POLANA CANIÇO “A” NA CIDADE DE MAPUTO SOBRE O CRIME

O Bairro da Polana Caniço “A” é ocupado por pessoas que provêm de vários cantos do país assim como do estrangeiro, entre eles os nigerianos, congolezes, burundenês e ruandeses. Tanto de dia, como a noite, o Bairro é muito agitado. Possui um Hospital Geral, um Posto Policial, um mercado, duas escolas e tem uma estrutura geográfica de difícil controlo, ruas e caminhos pouco iluminados como também é habitado na sua maioria por pessoas de baixa renda entre estudantes, alfaiates, pedreiros, carpinteiros e alguns trabalhadores formais.

A via que dá acesso ao Bairro é muito movimentada a partir da esquina do *Compone* com o cruzamento com a Rua da Soveste que sai da Av. das FPLM em direcção ao Hospital da Polana Caniço, com muitas viaturas incluindo de transporte semi-colectivos a circular de um canto para o outro. Há ruas pavimentadas que cruzam o Bairro, aonde também chegam os transportes semicolectivos, mas a maioria é de terra batida. Aqui a circulação faz-se sobretudo a pé, embora em certas zonas haja espaço suficiente para a passagem de viaturas, quase sempre privadas, de pessoas a comercializarem os seus produtos.

No período da noite, o Bairro é agitado pelos consumidores de bebidas alcoólicas, uns residentes, outros, vindos de outros bairros circunvizinhos. O ambiente produzido nesse espaço residencial chega a gerar algum incómodo para os residentes devido a poluição sonora vindo das barracas e pessoas que vão à escola ou regressam de uma jornada de trabalho mas também pelas brincadeiras protagonizadas pelas crianças ali residentes. Do trabalho efectuado, identificamos três percepções existentes no Bairro sobre o crime. As primeiras percepção que encontramos têm a ver com a insegurança associada aos negócios em casa; a segunda percepção sobre o crime que tem a ver com a insegurança de andar no período nocturno e a terceira percepção que tem a ver com a insegurança das próprias casas.

5.1 *“Não se pode deixar qualquer tipo de mercadoria defronte de uma casa ou quintal sem guarnição”*

As narrativas dos nossos entrevistados permitem compreender que existe uma percepção do crime associado à insegurança dos negócios feitos nas residências ou casas ou do Bairro em estudo. Dantes as pessoas podiam arrumar em frente das suas casas ou quintais os seus produtos para negócios enquanto faziam outras actividades caseiras longe dali e o cliente que quisesse, pedia licença até o dono vir atender-lhes sem problema. No entanto, os nossos entrevistados referem que actualmente tem que ter alguém ali a controlar, como refere a nossa entrevistada:

“Faço trabalhos de casa e vendo pães. Há dias atrás guevei pão, o qual deixei ali na minha mesinha em frente da minha casa e fui buscar plásticos dentro de casa, à minha volta não encontrei o meu saco de pães e era antes de vender sequer nenhum, carregaram todo saco e, até hoje não descobri quem foi²”.

Na mesma linha, um outro caso apresentado por um servente do Hospital Central de Maputo, reforça essa percepção, ao afirmar o seguinte:

“A minha barraca está gradeada apenas deixei um espaço para o atendimento dos clientes mas no mês passado encontramos uma criança dos seus onze anos no balcão com o cofre na mão querendo sair por ali onde havia entrado e não conseguia. Perguntado, disse que tinham-lhe mandado com um tio que ele nem conhece o nome³”.

Os dois trechos estabelecidos por nossos entrevistados possibilitam entender que os criminosos roubam ao qualquer período do dia e à pequena distração do proprietário, este pode perder todo seu negócio.

² Joana: 50 anos de idade, Solteira, Nível Básico, natural de Maputo Cidade, residente do Bairro da Polana Caniço “A” .

³ Momed: 46 anos de idade, Solteiro, Nível Médio, servente do Hospital Central de Maputo (HCM), natural da Zambézia residente no Bairro da Polana Caniço “A”.

5.2 “Não se pode andar à noite”

A segunda percepção sobre o crime que encontramos tem a ver com a insegurança de andar no período noturno. Em relação a essa categoria de análise, os criminosos procuram as suas vítimas que se fazem sozinhas na via pública em plena noite com bens atractivos. Por isso, para as pessoas que estudam no período noturno quando largam vêm-se obrigadas a esperarem-se para caminharem em companhia para evitar os assaltos que ocorrem nesse Bairro.

Muitas das vezes os criminosos quando encontram as suas vítimas intimidam-nas com palavrões para entregarem o que eles querem, se a pessoa desacatar ou tentar resistir, agridem-na fisicamente. Existem outros criminosos que optam pela intimidação das suas vítimas, recorrem ao espancamento para enfraquecer tais vítimas e, no fim levam as suas pertenças. Casos há que a pessoa pode ser agredida por presunção de possuir algo útil para eles. Uma das entrevistadas dessa pesquisa reforça essa percepção ao afirmar o seguinte:

“Quando te encontram nalgumas vezes, exigem-te os bens usando qualquer meio coercivo e se você mostrar resistência é dai que te batem e arrancam seus pertences e quando se trata de uma mulher às vezes essa é violada sexualmente por esse grupo de criminosos apoderando-se de todos os bens que ela traz⁴”.

Um dos entrevistados dessa pesquisa reforça essa percepção ao testemunhar o seguinte:

“Na semana passada passou nessa rua uma senhora a chorar alegando que foi agredida e violada sexualmente por um grupo de indivíduos desconhecidos que apoderaram-se, de seguida, da sua pasta com mechas que a vítima trazia da África do Sul e um valor monetário não especificado⁵”.

⁴ Joana: 50 anos de idade, Solteira, Nível Básico, natural de Maputo Cidade e residente do Bairro da Polana Caniço “A” .

⁵ Simbine: 25 anos de idade, Solteiro, Nível Médio comerciante, natural da Província de Gaza e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A” .

Os criminosos procuram delinquir as suas vítimas nos locais de pouca visibilidade e ali onde não se faz sentir o patrulhamento dos agentes da PRM. Uma outra situação similar é relatada por outra entrevistada da pesquisa ao testemunhar o seguinte:

“Há um caminho que passa pelo campo de futebol que dá acesso à Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a residência universitária, alguns estudantes optam por usá-la para chegar à esta instituição de ensino. No período da noite esse caminho fica escuro devido as árvores que ali existe. Criam penúmbra que faz com que haja pouca visibilidade de qualquer coisa que ali possa acontecer. Não se pode passar sozinho naquele local, pois arrancam telefones e Pastas com Computadores, entre outros bens de valor⁶”.

Diferentemente desta narrativa, um outro entrevistado ressalta o seguinte:

“Caminhar no período da noite é perigoso, os criminosos espancam pessoas muito mais para aquelas que se fazem à rua sozinhas, apoderando-se dos bens que tais pessoas trazem. E sair muito cedo da casa sozinho é correr o risco de ser assaltado na via pública com os criminosos. Um senhor estava para viajar para uma das províncias do nosso país, na sua caminhada em direcção à Terminal de transportes semi-colectivos da Junta, ao chegar na paragem “Cooperativa”, deparou-se com cinco pessoas que aparentavam estarem grossas e arrancaram a sua pasta de viagem e carteira onde continha todos documentos, paralisando a sua viagem. Depois daquilo que aconteceu com aquele senhor, espero sempre a circulação de pessoas daí é que saio de casa para qualquer sítio⁷”.

Diante desses depoimentos, permite-nos compreender que os criminosos para lograrem os seus intentos procuram um ambiente calmo que permite-lhes, sobretudo, a fuga. Procuram sempre pessoas

⁶ Etelvina: 36 anos de idade Solteira, Nível Básico, empregada doméstica, natural da Província de Gaza e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A”.

⁷ Júnior: 19 anos de idade, Solteiro, Nível Médio, Natural de Maputo Província e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A”.

que se fazem na via pública sozinhas no período da noite ou saem cedo para os seus postos de trabalho ou regressam a noite sozinha do serviço, para além de estudantes dos cursos do pós-laboral.

5.3 “As nossas casas não são seguras”

A terceira percepção do crime apresentado por nossos entrevistados tem a ver com a insegurança das próprias casas. Os criminosos têm duas formas de como roubar numa casa. Uma, refere-se ao período da noite em que aparecem numa casa enquanto os proprietários estão a dormir, escangalham a porta com recurso a machados e outros objectos contundentes e introduzem-se assustando toda gente que ali se encontra, depois roubam-lhes os seus bens. A segunda, diz respeito a situações em que entram e escondem-se dentro dos quintais, esperando que o dono da casa abra a própria porta para ir satisfazer as suas necessidades fisiológicas fora desta. Nesse lapso de tempo eles introduzem-se na casa em causa sem o recurso ao uso da força.

Neste Bairro, contador de água e de energia até mesmo uma lâmpada tem se gradeado porque os malfeitores podem vir tirar a qualquer período do dia ou da noite. Tal como mostra o depoimento abaixo:

“No período da noite não se sai para fazer necessidades nas nossas casas de banhos que se encontram ao redor dos quintais. Como solução, optamos em usar um pinico ou balde onde todos membros da família fazemos necessidades menores ou maiores e quando amanhece levamos e lançamos na casa de banho, isso para evitar facilitar aos criminosos que possam entrar enquanto a pessoa está na casa de banho⁸”.

Esse depoimento é testemunhado pelo outro participante da pesquisa ao afirmar o seguinte:

“Basta anoitecer nesse Bairro é um problema sério, não se pode sair nem para ir fazer necessidade maior ou menor, para nós que temos casas de banhos fora da casa. Ao sair,

⁸ Óscar: 25 anos de idade, solteiro, Nível Médio, cobrador de chapa, natural da Província de Sofala e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

pode se facilitar a entrada de criminosos para nossa casa sem usar qualquer meio de força para entrar. Envés de levar dinheiro ou bens materiais violam sexualmente as suas vítimas perante outros membros da família⁹”.

Diante das narrativas acima apresentadas permite-nos compreender que os criminosos são indivíduos que procuram intencionalmente alcançar seus objectivos sem fazer muito esforço. Além disso são indivíduos que coabitam no seio da sociedade. Outro caso diferente é apresentado por um servente do Hospital Central ao sustentar o seguinte:

“Não podemos sair todos da casa durante todo o dia porque a nossa casa pode sofrer uma invasão e mesmo nos domingos não participamos a mesma missa para evitar sair todos. Os criminosos controlam os movimentos das pessoas, basta verem que nenhuma pessoa não está naquela casa, entram no seu quintal como se fossem pessoas da família ou conhecidas e quando encontraram a porta da casa fechada cortam o cadeado, entram e roubam tudo aquilo que a pessoa adquiriu por um longo tempo e com sacrifício num piscar de olho¹⁰”.

De acordo com as narrativas apresentadas pelos nossos participantes, permite-nos compreender que há cuidados que podem ser tomados para que se reduza a possibilidade de tornar-se uma vítima do crime. Deste modo, entendem que a melhor, mais barata e mais eficiente forma de se reduzir a criminalidade é a prevenção. Ou seja, procuram antes de recorrer à qualquer forma de repressão, evitar que o crime ocorra, e, uma das formas de se tentar evitar a ocorrência de um crime é tomar alguns cuidados para diminuir as possibilidades de você ser escolhido como vítima.

Um Agente da Policia da República de Moçambique (PRM) participante dessa pesquisa explica onde reside o problema da criminalidade nesse Bairro ao garantir o seguinte:

⁹ Zacarias: 40 anos de idade, Casado Nível Médio de escolaridade, comerciante, natural da Província de Nampula e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A” .

¹⁰ Momed: 46 anos de idade, Solteiro, Nível Médio, servente do Hospital Central de Maputo (HCM) natural Zambézia e residente do Bairro da Polana Caniço “A”.

“Penso ser neste ponto onde reside a parte chave do problema, na medida em que o criminoso é membro de uma família, de um Bairro, de uma região da nossa sociedade, mas porque não é denunciado e também porque muitas famílias encontram a solução dos seus principais problemas através dos rendimentos criminais e existem pais que conseguem levar seus filhos a escola com dinheiro sujo, o crime está sendo difundido como uma via mais séria para obter a riqueza ¹¹”.

Com este depoimento prestado por este participante da pesquisa, permite-nos compreender que o crime é desencadeado pelos próprios residentes deste Bairro para proveito próprio.

¹¹ Macamo: 33 anos de idade, Solteiro, Nível Médio profissional, PRM, natural da Província de Inhambane e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A ” .

CAPÍTULO VI: PRÁTICAS DE CRIMES NO BAIRRO DA POLANA CANIÇO “ A ”: O MODUS OPERANDI DOS CRIMINOSOS

Segundo os participantes desta pesquisa, os crimes que ocorrem neste Bairro, têm-se verificado com maior frequência nas residências das vítimas e na via pública. Em relação aos que acontecem nas residências, estes têm sido praticados na sua maioria enquanto os proprietários estão a dormir. Em relação aos crimes daqueles que ocorrem na via pública, estes têm sido nos locais de pouca visibilidade para permitir a fuga dos seus autores no caso de notarem a presença da Polícia. No entanto, parte considerável dos criminosos escolhe as suas vítimas que se fazem a sós na via pública.

De acordo com as narrativas dos nossos entrevistados, os criminosos organizam-se em grupos de três a cinco jovens munidos de armas de fogo ou brancas tais como, catanas, enxadas, facas, martelos, ferros e outros. Frequentemente, começam com as suas práticas criminosas a partir das 18 horas e terminam cerca das 4 horas. Para delinquir, procuram locais de fraca circulação e/ou com pouca visibilidade para se esconderem deixando um dos integrantes do grupo parado no local planejado com instrumentos para o cometimento do crime e os restantes integrantes do grupo, ficam escondidos a controlar o ambiente das pessoas que pretendem delinquir.

Quando vêm que está a passar a pessoa desejada para delinquir, assobiam para seus integrantes e estes, aparecem preparados para concretizar o crime. Às vezes, escondem-se todos mas assim que aparecem as suas vítimas reaparecem todos para praticarem a acção planeada. Por outro lado, quando encontram o seu alvo, às vezes, exigem bens materiais e valores monetários e, se a sua vítima mostrar resistência apertam o pescoço, maltratam-na e levam todos bens que este traz, se mostrar grande resistência esfaqueiam em qualquer parte do seu corpo depois de enfraquecido, apoderam-se dos seus bens. Como também ilustra o depoimento abaixo apresentado pelo nosso participante da pesquisa, quando afirma o seguinte:

“Quando vivíamos na primeira casa que arrendávamos no “18m” um dia estava fazer muito calor, o meu vizinho que arrendava na casa oposta à nossa, resolveu em abrir a janela do seu quarto para arejar devido ao calor que se verificou naquele dia e adormeceu esquecendo-se de fechar a janela do seu quarto. Com o frio da madrugada despertou e

descobriu que os criminosos já tinham entrado na sua casa e haviam tirado os seguintes bens: dois telefones, um televisor, um DVD e uma pasta de roupa. Apavorado, acordou os vizinhos e, em seguida foi apresentar o caso ao Chefe de dez casas mas até hoje nada foi recuperado.¹²”.

De acordo com as observações e narrativas dos nossos entrevistados, permite-nos compreender que os criminosos para lograrem seus intentos nessa zona residencial, organizam-se em grupos de três ou quatro integrantes de modo a apoiarem-se no caso de a vítima mostrar resistência e, para o controlo do ambiente, no caso da presença de outras pessoas ou Agente da Polícia.

6.1 Agressões físicas e violência na via pública

Com a observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais foi possível perceber que os actores desses crimes para lograrem os seus intentos procuram praticar a criminalidade nos locais de muita concentração de pessoas, por exemplo num mercado, de modo a se infiltrarem no meio das pessoas para não serem descobertos no momento de fuga. Estes crimes são também notórios nos locais de pouca circulação, locais degradados com pouca visibilidade.

De acordo com depoimentos prestados pelos participantes desta pesquisa, os crimes são praticados com grande frequência por jovens organizados em grupos compostos normalmente por três a quatro membros do sexo masculino, munidos de armas brancas nos seus bolsos para intimidarem as suas vítimas. Como forma de actuação, procuram suas vítimas em lugares onde há facilidade de fuga, onde um dos integrantes do grupo posiciona-se na estrada disfarçada com instrumentos para o cometimento do crime no interior da sua roupa.

Deste modo, procuram as vítimas mais atraentes, ou seja, o criminoso olha para um lado ao mesmo tempo a escolher a sua vítima. Após a escolha dá sinal aos membros do grupo para auxiliar na prática do crime. Nos seus relatos os participantes da pesquisa, deixaram transparecer que a criminalidade

¹² Óscar: 25 anos de idade, Solteiro, estudante natural da Província de Sofala e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A” .

ocorre nas residências dos ofendidos ou das vítimas, nos lugares de lazer no percurso para o local do trabalho ou no percurso para escola, ou para outras actividades. Essa prática é testemunhada por outra participante da pesquisa ao afirmar o seguinte:

“Esse nosso Bairro faz limite com o muro da Universidade Eduardo Mondlane, (UEM) e tem uma entrada que dá acesso a esta instituição de ensino. A maioria dos estudantes que vem dos outros bairros vizinhos opta por usar esta via passando pelo campo de futebol. Um belo dia lá pelas 18 horas e 30 minutos, três indivíduos que aparentavam ter uma idade compreendida entre 14 a 17 anos de idades, com recurso à força física, apoderaram-se de uma pasta de uma estudante, onde continha diverso material escolar, entre eles computador, cadernos, livros e seu telefone. Quando se aperceberam de que já estavam a chegar pessoas para prestar-lhe socorro, puseram-se em fuga. A estudante chorou sem saber o que fazer naquele momento¹³”.

O depoimento acima apresentado permite compreender que a agressão e violência física na via pública têm ocorrido em plena luz do dia e à noite com recurso à força física, armas brancas tais como catanas e facas. De acordo com os participantes entrevistados, a possibilidade de você ou uma pessoa membro da sua família ser vítima de roubos ou assaltos ao caminhar em locais públicos ou em recintos abertos são proporcionais ao grau de atractividade que ostentar e, da distração que você ou a pessoa tiver naquele momento. Novamente, os participantes da pesquisa frisaram que os criminosos procuram as pessoas que caminham sozinhas mais distraídas que portam bens atraentes e de valor.

Deste modo, pode-se perceber que no período nocturno, a pessoa estará mais segura se escolher caminhar por áreas iluminadas e mais movimentadas. Ao caminhar deverá prestar atenção para tudo que estiver a ocorrer ao seu redor, devendo ficar completamente concentrada. Conforme transparece nas seguintes narrativas:

¹³ Martinha: 57 anos de idade Viúva, Nível Médio de escolaridade, PRM natural de Gaza e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A” .

“Existem criminosos neste Bairro que recorrem à armas brancas tais como catanas, facas e outros objectos cortantes. Os crimes acontecem na sua maioria nos locais de pouca visibilidade, locais degradados com fraca circulação de pessoas. Nesses locais os criminosos fingem não quererem fazer algo anormal, enquanto na verdade são portadores de catanas, facas e outros instrumentos no interior das suas roupas e, deste modo, qualquer um pode caminhar com eles sem desconfia-los como indivíduos anormais mas, de repente, tiram as suas armas brancas e começam a intimidar as suas vítimas com os termos “vida ou morte”, apertam o pescoço e exigem os telemóveis e dinheiro. A vítima vendo-se nesta situação, prefere entregar tais bens exigidos. Entretanto, há pessoas que gostam de acreditar vendo, são esses que têm parado no Hospital¹⁴”.

O trecho acima possibilita-nos compreender que um indivíduo pode estar mais seguro se escolher caminhar por áreas iluminadas, mais movimentadas mas, sobretudo, com uma companhia. Ao caminhar porém, deve prestar sempre atenção ao que está ocorrendo ao seu redor, que fique completamente concentrado no momento em que estiver a falar ao telefone. Os crimes são “acções de momento” e em alguns casos ocorrem em função de uma oportunidade. Uma situação similar relata outro participante da pesquisa ao testemunhar sobre essa prática:

“Há dias atrás quando voltava do serviço naquela rua pavimentada conhecida como zona de venda de carvão em direcção a casa, pelo caminho deparei-me com quatro pessoas aparentavam ter uma idade de 15 a 17 anos de idade e outro tinha uma idade avançada em relação aos restantes membros do grupo. Este de uma idade avançada deu a voz de comando e os quatro jovens apertaram-me o pescoço e tentei sacudir-lhes. O autor da voz de comando aproximou-se com uma catana, cortou-me o ombro e gritei mas ninguém aproximou-se de mim, por isso, levaram o meu telemóvel e a minha carteira onde continha documentos pessoais e fugiram em direcção a Escola portuguesa¹⁵”.

¹⁴ Rafael: 53 anos de idade, Divorciado, Nível Superior, docente natural de Maputo Cidade e residente do Bairro da Polana Caniço “A” .

¹⁵ Momed: 46 anos de idade, Solteiro, Nível Médio, servente do Hospital Central de Maputo (HCM) natural Zambézia residente do Bairro da Polana Caniço “A” .

O outro facto similar aconteceu para alguém que ia à Praça dos Trabalhadores como transparece no depoimento abaixo:

“A minha avó fazia negócio de venda de alface a-retalho no mercado Janete e comprava a grosso no mercado da Praça dos Trabalhadores vulgo Xiquelene e ela saia quatro horas para o local onde comprava a grosso e fazia a questão de chegar sete a oito horas no mercado Janete, local onde revendia. Nesse dia, ela saiu e nós advertimos para que não saísse àquela hora porque esse fenómeno de homens-catana já estava mesmo a atingir o seu máximo, ela não obedeceu e foi. Pelo caminho foi encontrada às seis horas da manhã, toda ela banhada de sangue, tinha sido esfaqueada pelas costas e cintura e encaminhamo-la ao Hospital Central de Maputo (HCM) onde recebeu tratamento. Como você vê, é aquela que vai ali, não andava com muletas¹⁶”.

O trecho acima apresentado permite compreender que os criminosos procuram pessoas que se fazem muito cedo sozinhas na via publica e que portam algo valioso.

6.2 Os arrombamentos nas residências em pleno dia e na calada da noite

De acordo com os depoimentos dos nossos entrevistados, permitem compreender que os crimes do tipo arrombamento têm sido praticados em plena luz do dia e, na calada da noite pelos criminosos com recurso a chaves falsos, e outros instrumentos tais como: alicates, martelos, onde o criminoso por meio destes instrumentos permite-lhes arrombar janelas e portas das residências das suas vítimas. Para lograrem os seus intentos, os criminosos antes de praticarem o arrombamento fazem primeiro sondagem sem o dono se aperceber para ver quais podem ser as possíveis dificuldades no processo de arrombamento.

¹⁶ Júnior: 19 anos de idade, Solteiro, Nível Médio, Natural de Maputo Província e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

As narrativas dos nossos entrevistados permitem perceber que os actores desses crimes na sua maioria organizam-se em grupos de dois a quatro pessoas para a prática de arrombamentos ou qualquer acto delituoso. Os arrombamentos podem ocorrer em pleno dia ou a noite. Quando ocorrem durante o dia, têm sido nas residências em que os donos se ausentaram e os actores desses crimes entram no quintal das vítimas como se fossem um dos membros da família ou mesmo amigo da família e arrombam a porta ou janela introduzem-se e retiram todos bens que desejam.

Quando os arrombamentos acontecem em plena noite, às vezes, os proprietários não descobrem que a sua casa foi arrombada e dela foi retirada tudo aquilo que é útil. Quando os criminosos se apercebem que os proprietários da residência já despertaram, optam por amarrar todos os membros da família, violam sexualmente as suas esposas e retiram o que eles precisam sem impedimento e deixam estes amarrados.

As residências que chamam mais atenção são as escolhidas pelos criminosos, seja pela aparência, pela facilidade de acesso ou, devido à visualização de objectos de valor expostos em seu interior. Os criminosos escolhem as residências com portões estragados ou as residências que apresentam maiores bens desejados por eles. Os criminosos quebram os cadeados dos portões, as fechaduras das janelas, os vidros das residências ou demolem a parede e introduzem-se para furtar bens tais como dinheiro electrodomésticos, até o ponto da vítima não descobrir e nem saber especificar o horário aproximado da ocorrência, pois os proprietários podem encontrar-se a dormir ou na sua ausência de casa.

Um dos participantes da pesquisa relata que havia saído pela manhã para ir vender no mercado *Compone*, localizado no Bairro da Polana-Caniço “ A ”, quando retornou no começo da tarde, constatou que a sua residência já havia sido arrombada e seu computador de mesa, dinheiro e suas roupas já haviam sido furtados. Para esta realidade, vejamos os depoimentos dos seguintes participantes da pesquisa:

“Um dia estava no mercado do Compone localizado entre o Bairro Polana-Caniço “A ” e Maxaquene “ C ” onde vendo sapatos do fardo. Quando terminei de vender fui arrumar a minha mercadoria no armazém e fui a casa. Antes de chegar vi três pegadas diferentes que

entraram no nosso quintal e foram directamente à porta da nossa residência e meu colega que arrendou a casa comigo estava na escola. Ao meu regresso do mercado, encontrei a porta arrombada, haviam retirado computador de mesa e dinheiro. E os vizinhos pensaram que fossem pessoas da nossa confiança, liguei para o meu colega que vive comigo disse que ainda estava na escola e não tinha voltado a casa naquele dia. Os criminosos ao levar aquele computador de mesa enganaram os vizinhos que eram nossos colegas da mesma escola e sala, e levaram com a nossa permissão e não foram suspeitos como sendo ladrões porque às vezes planeávamos aulas em grupo aqui em casa e levaram o que precisavam sem esforço e medo, pensando que eram os nossos colegas do grupo de estudos¹⁷”.

Um caso similar é relatado por uma outra participante da pesquisa ao testemunhar o seguinte sobre esta prática:

“Um dia os criminosos entraram no quintal e arrombaram a janela do seu quarto, pescaram a sua bolsa que estava pendurada na parede, contendo dinheiro e brincos. Ao lado da bolsa continha um molho de chaves que ao tentarem pescar caíram e despertaram-lhe do sono. Perante o incidente, gritou mas ninguém acordou para lhe socorrer e a bolsa desapareceu assim mesmo¹⁸”.

Os dois depoimentos apresentados por participantes desta pesquisa permitem compreender que os arrombamentos podem ocorrer em qualquer momento na presença e na ausência do proprietário da residência.

6.3 Roubos e assaltos à mão armada nas residências e estabelecimentos

¹⁷ Simbine: 25 anos de idade, Solteiro, Nível Médio comerciante e natural da Província de Gaza e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A ” .

¹⁸ Joana: 50 anos de idade, Solteira, Nível Básico, natural de Maputo Cidade e residente do Bairro da Polana Caniço “A ” .

De acordo com as narrativas dos nossos entrevistados permitem compreender que os crimes do tipo roubos e assaltos à mão armada nas residências e estabelecimentos, são mais frequentes na calada da noite, os criminosos para lograrem os seus intentos, quando chegam numa residência ou estabelecimento comercial intimidam as suas vítimas com recurso a arma de fogo e amarram o guarda incluindo os proprietários da residência, violam um dos membros da família na presença de todos membros da família e depois dessa prática, retiram os bens exigindo grandes somas de valores monetários e, se os bens matérias forem muitos, são transportados em viaturas. Os autores desses crimes são na sua maioria jovens liderados por senhores trajados de máscaras de cor preta que termina no pescoço. Nesse discurso, uma entrevistada dessa pesquisa referiu-se nos seguintes termos:

“Um dia, pelas duas da madrugada ouviu-se um som de arma nesse quarteirão a seguir. Depois de trinta minutos, escutei o som de carro acompanhado de gritos de socorro. Era um assalto na casa do senhor Chambul. Apareceram criminosos trajados de roupa preta e máscara da mesma cor, um portava uma arma pequena do tipo pistola, os outros portavam catanas e ferros nas mãos. Os três integrantes da quadrilha aparentavam ter uma idade compreendida entre 16 a 18 anos de idade acompanhados por dois senhores que também aparentavam ter uma idade entre 30 a 40 anos de idade. Chegaram na casa do senhor Chambul, amarraram o seu guarda e escangalharam o portão, de seguida, introduziram-se na residência e apontaram com arma o proprietário da residência, que de seguida amararam-lhe para recolher os bens que eles acharam importante e exigiram dinheiro e, de seguida, violaram a sua esposa e filha de 20 anos na presença de outros membros da família e, por fim, foram-se embora. De seguida, um dos seus filhos de sete anos, que não estava amarrado correu a chorar para a casa vizinha e estes acordaram, foram à casa onde tinha acontecido o acto e desataram o guarda que estava logo na entrada, por fim a família Chambul até hoje não conhece os autores daquele crime ¹⁹”.

Outro facto similar é apresentado por outro participante da pesquisa como pode-se ver no depoimento abaixo ao reforçar à cerca dessa prática:

¹⁹ Adélia: 25 anos de idade, Solteira, Nível Médio cobradora de chapa, natural de Maputo Província e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

“Naquela rua de Carlos Cardoso numa das casas, os criminosos entraram numa residência e perguntaram a dona da casa sobre o seu marido se estava ou não? A senhora respondeu que o marido estava a passar o final da semana fora da casa com amigos. E perguntaram aonde teria deixado o dinheiro a esposa respondeu que não sabia se tinha dinheiro guardado naquela casa. Logo gritaram vida ou morte fala verdade e facilite o processo antes que as coisas amarguem. A senhora continuou a responder que o marido estava a passar final de semana fora de casa com os amigos e não tinha conhecimento de dinheiro. Em resultado, amarraram todos os membros daquela casa presentes menos crianças e entraram no seu quarto, vasculharam todo quarto e não acharam dinheiro apenas levaram electrodomésticos e utensílios domésticos²⁰”.

Outra dimensão da criminalidade é a apresentada por outro participante da pesquisa quando sustenta o seguinte:

“Os criminosos podem ser os membros deste Bairro, são pessoas que convivem connosco e, como não são denunciados porque a sua família tem proveito disso. No mês antepassado tivemos uma festa de “chitique”, havia muita gente, conviveu-se até aproximadamente meia-noite e depois as pessoas começaram a despedir-se e, no fim da despedida, entrou um grupo de jovens trajados todos de máscaras de côr preta, começaram a exigir o dinheiro do “chitique” que havíamos recebido naquele dia, um dos elementos do grupo, em voz alta grita. Senhor! Queremos o dinheiro dá-nos ou não? Aquele senhor por ver que o dinheiro que tinha era muito, começou a resistir e espancaram a sua cara com ferro começou a sangrar. Por ver que o assunto era sério, a sua esposa preferiu entregar o dinheiro que haviam recebido para salvar o marido. Os criminosos saíram a correr e entraram numa viatura que haviam estacionado perto daquela residência²¹”.

²⁰ Zefanias: 69 de idade, Solteiro, Nível Básico, Pedreiro, natural de Maputo Cidade e residente no Barro da Polana Caniço “ A ” .

²¹ Álvaro: 49 anos de idade, Casado, Nível Médio Carpinteiro, natural da Província de Inhambane, residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

Os depoimentos acima apresentados permitem compreender que as residências que chamam mais atenção são escolhidas pelos criminosos, seja pela aparência, pela facilidade de acesso ou, devido à visualização de objectos de valor expostos em seu interior tais como aparelhos electrónicos, motos, carros, dinheiro e outros bens.

6.4 O consumo de drogas

Os dados obtidos permitem perceber que a droga é vista como um grave problema social, causadora de desestabilização social, pelo que exige uma intervenção da esfera jurídico-penal como o único meio de impor a ordem e tranquilidade pública. O porte de drogas ilícitas para a venda e o consumo próprio ganha espaço no Bairro da Polana Caniço “A”. Os entrevistados da nossa pesquisa, apresentam uma avaliação moral negativa do acto de consumo de estupefaciente, desta feita, assumindo um certo sentimento de culpa pelos consumidores.

O controlo informal exercido pela família ou pelo grupo de pares e a própria ameaça de sanções informais também não exerce influência directa para consumidores, na medida em que, no caso dos toxicod dependentes, estes utilizam estratégias que evitam a possibilidade de detecção familiar. Estes provocam demasiados malefícios aos indivíduos que não são consumidores, para tal, os moradores clamam pela criminalização dos seus actores. O consumo de estupefaciente é considerado um acto ilícito passível de registo criminal e de sanção penal. Para tal um dos entrevistados da pesquisa sustenta o seguinte:

“Os consumidores de estupefaciente não têm hora própria para fumar. A qualquer momento estão a fumar como se tratasse de um cigarro normal e após de fumar, alguns jovens quando são repreendidos pelo comportamento negativo, discutem com os seus parentes alegando que tudo que eles fazem tem razão. O consumo de estupefaciente passou a ser vício, quando não têm dinheiro para comprar a droga opta por roubar na casa dos seus próprios pais e se não têm algo com mais valor para vender, roubam no vizinho ou mesmo organizam-se com

outros jovens consumidores e param na via pública de noite para arrancarem bens das outras pessoas para posteriormente vender e sustentar os vícios²².

O trecho acima apresentado permite compreender que o consumo de estupefaciente nessa zona residencial tem sido considerado como sendo uma prática normal pelos jovens no sentido de que fuma-se estupefaciente como se fosse uma droga leve como o cigarro permitido pela lei. O uso da droga é um caminho bastante forte para o cometimento da criminalidade. Muitas vezes os jovens depois de consumirem-na têm tido comportamento agressivo, procurando até compreender conversas alheias, com suspeitas deque a eles se referem. Como se pode ver:

“Existem neste Bairro jovens que fumam estupefaciente e nem querem fazer algo. Quando amanhece só pensam em fumar para agredirem pessoas nas suas próprias residências ou na via pública. Um dia, foi encontrado um senhor no Campo de golfo cheio de ferimentos e segundo ele disse, foi agredido por um grupo de pessoas que encontrou naquele campo sentadas a fumar estupefaciente e, quando estava a passar por elas, levantaram-se e mandaram-lhe parar exigindo para que entregasse tudo o que ele trazia consigo. Quando ele rejeitou entregar-lhes seus pertences, começaram a bater-lhe e esfaquearam-lhe no ombro até apoderaram-se de tudo quanto portava²³”.

Como dissemos, o consumo de estupefaciente é uma prática que os jovens têm encarado como sendo normal e é consumido como cigarro permitido pela lei e os consumidores nem se escondem para o consumo. Como ilustra a entrevista dum participante dessa pesquisa ao reforçar sobre essa prática.

“Aquele jovem que está sentado ali os encarregados dele já cansou com o comportamento dele. Fuma e bate pessoas sem uma justa causa. Dantes roubava apenas na casa dos seus

²² Adélia: 25 anos de idade, Solteira, cobradora de *chapa*, Nível Médio, natural de Maputo Província e residente no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

²³ Zacarias: 40 anos de idade, Casado Nível Médio, comerciante, natural de Nampula e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

próprios encarregados de educação mas agora já entra nas casas vizinhas quando estes não estão. Actualmente anda com um grupo de amigos, pois para além de roubos que são praticados nas residências dos seus encarregados de educação, entram também nas residências vizinhas e agridem pessoas na via pública, arrancam os bens que estes trazem consigo tais como pastas de cadernos, computadores, dinheiro e telefones os bens matérias são vendidos afim de alimentar os seus vícios²⁴”.

Com este depoimento pode-se perceber que os roubos foram mais nas suas residências, eles esvaziaram-nas e venderam tudo o que os seus pais tinham nas suas casas para poderem ter dinheiro para a compra de droga. Quando nas suas casas não têm algo valioso para vender, optam em roubar nas casas vizinhas e até na via pública, incluindo assalto à mão armada nas residências e estabelecimento comerciais. Diferentemente do depoimento acima apresentado, outra participante da pesquisa apresenta outra dimensão que os consumidores de estupefaciente praticam:

“Alguns jovens deste Bairro fumam estupefaciente para terem coragem de agredir, bater pessoas, roubarem e violarem sexualmente alunas quando voltam da escola no período da noite²⁵”.

O trecho acima apresentado ilustra que os consumidores de estupefaciente são agressivos e violentos e sem pena daquilo que fazem com as suas vítimas.

6.5. Consumo excessivo de bebidas alcoólicas

Na óptica dos nossos entrevistados, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas tem causado sérios problemas em qualquer sociedade. Actualmente, o hábito de ingerir bebidas alcoólicas de forma

²⁴ Carolina: 42 anos de idade, Solteira, Nível Médio Técnica Profissional, Professora, natural de Maputo Cidade e residente no Bairro da Polana Caniço “ A ” .

²⁵ Maria: 51 anos de idade, Casada, Nível Médio de cozinheira, natural de Maputo Cidade residente no Bairro da Polana Caniço “A ” .

excessiva está amplamente disseminado no nosso meio, o caso vertente do Bairro da Polana Caniço “ A ” . A maneira exagerada de como são consumidas as bebidas alcoólicas, privam à qualquer um, de qualquer sentido de decência e moralidade. Mas também o álcool contribui para a violência e diversas tragédias. O consumo de álcool excessivo por parte dos jovens, faz com que estes percam a noção do que é bom ou mau.

Durante o consumo excessivo de álcool, os jovens fomentam um mau ambiente no local e demais espaços por onde passam, confusões que se traduzem em agressões físicas às pessoas, muito em particular para as mulheres indefesas, das quais apoderam-se dos seus bens. Normalmente, quando se trata duma mulher, esta prática termina com a sua violação sexual. Por outro lado, os jovens às vezes, lutam entre si nas barracas, onde o recurso às garrafas vazias de bebidas alcoólicas é prática o propósito de serem espetadas nos adversários em luta, criando deste modo muitos ferimentos. Tal como mostram os depoimentos abaixo apresentados:

“Existem certos jovens que, quando estão nas barracas estão apenas para controlar os bolsos das outras pessoas que estejam pagando um determinado bem. Querem ver se têm trocos por receber para, quando terminarem de beber ao retirarem-se daquele meio perseguirem-nas e exigirem que lhe sejam entregues. Se a pessoa exigida dificultar é batida e cortada com as garrafas e arrancada todo o seu dinheiro, incluindo a sua carteira de documentos e telefones²⁶”.

Paralelamente ao consumo de bebidas alcoólicas, outro participante mostra uma dimensão diferente:

“Existe um grupo de jovens que quando amanhece não quer fazer nada senão o consumo de álcool, às vezes quando não tem dinheiro para comprar tal álcool ao invés de irem trabalhar para obter dinheiro, optam em entrar em barracas fazendo-se passar de consumidores. Quando um determinado consumidor sai para a casa de banho, optam por envenenar a

²⁶ Rafael: 53 anos de idade, Casado, Nível Superior, docente natural de Maputo Cidade e residente no Bairro da Polana Caniço “A ” .

*bebida daquele consumidor e, quando de volta o dono da bebida consome-a, fica alterado, o que possibilita aos mentores desta acção arrancarem-lhe todos os seus bens.*²⁷

Diferentemente do trecho acima apresentado, outro participante da pesquisa reforça essa prática ao testemunhar o seguinte:

*“Neste Bairro tem muitas barracas frequentadas por pessoas de uma conduta duvidosa que contribuem para alguns jovens praticarem a criminalidade. Um jovem perdeu a vida na semana passada vítima de envenenamento de bebida alcoólica numa das barracas deste Bairro. Após envenenamento, levaram o seu telefone, a sua carteira onde continha documentos pessoais e dinheiro*²⁸”.

Outra situação mostra a diversificação dos momentos da criminalidade ao afirmar o seguinte:

*“Há Cinco meses um casal de jovens que voltava da festa do casamento por volta das duas da madrugada no Bairro de Maxaquene “C ” chegado na ligação da rua “18 metros” com Vladimir Lénine em direcção à sua casa foi interpelado por um grupo de cinco jovens que aparentavam estarem grossos. No entanto, traziam consigo catanas no interior das suas roupas que usaram para ameaçar matá-los. Posteriormente, amarraram ao casal, arrancaram a carteira da senhora e levaram todos os telefones e, depois violaram sexualmente a senhora que foi parar no Hospital Central de Maputo (HCM)*²⁹”.

²⁷ Júnior: 19 anos de idade, Solteiro, Nível Médio, Natural de Maputo Província residente na Cidade de Maputo no Bairro Polana da Caniço “A ” .

²⁸ Álvaro: 49 anos de idade, Casado, Nível Médio, Carpinteiro, natural da Província de Inhambane, residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A ” .

²⁹ Macamo: 33 anos de idade, Solteiro, Nível Médio Técnico profissional, PRM, natural de Inhambane e residente na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “A ” .

Outro depoimento é testemunhado pelo nosso participante da pesquisa ao afirmar os contornos que a bebida traz quando é mal ingerida.

“Aqueles carros que estão perto daquela barraca os seus proprietários são as pessoas que estão a consumir álcool na barraca que ali se encontra. Depois de consumirem o álcool não obedecem as regras do trânsito. Certa vez, um senhor que regressava do serviço foi atropelado mortalmente por um jovem que estava a consumir álcool na mesma barraca³⁰”.

Ademais, se admitidas tais razões para a criminalização do consumo de drogas ilícitas, imperiosa seria sua extensão para o uso de outras substâncias também (ou mais) associadas à lesão de bens jurídicos, como o de álcool, uma vez que as estatísticas revelam sua íntima ligação com crimes culposos visto que os acidentes de viação são praticados na maior parte dos casos por condutores que dirigem sob efeito do álcool.

A experiência etnográfica descrita acima nos remete para uma discussão importante do trabalho etnográfico e algo que Geertz (1989) já nos chamava atenção que o trabalho etnográfico é construído através da relação entre sujeitos significativos. Isto quer dizer que não existe uma autoridade do conhecimento no campo de pesquisa, pelo contrário, o conhecimento etnográfico é feito através do saber das interacções entre sujeitos, que constroem activamente a realidade estudada.

³⁰ Joana: 50 anos de idade, Solteira, Nível Básico, natural de Maputo Cidade e residente no Bairro da Polana Caniço “A ”

CAPITULO VII: CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, propusemo-nos a analisar as percepções sobre as práticas dos crimes cometidos por jovens na Cidade de Maputo no Bairro da Polana Caniço “ A ” . Para o efeito, foi com recurso à pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e observação directa para captar as percepções sociais e efeitos do crime dentro de um contexto social específico e entender como as pessoas naquele Bairro convivem com tais práticas.

O interesse por este tema começa por um artigo intitulado Criminalidade no Bairro da Polana Caniço “A ” publicado no Jornal Notícias de 2016, da autoria de Rogério Tadeu. De acordo com os dados etnográficos permitem compreender que o crime constitui uma fonte de ameaça à ordem social, por isso, optamos por lançar uma análise exploratória sobre essa temática, tomando como sujeitos de pesquisa alguns residentes deste Bairro.

Com tais residentes procuramos entender em que medida os comportamentos dos jovens do Bairro da Polana Caniço “A ” na Cidade de Maputo geram percepções e práticas associadas à criminalidade. Com esse ponto de partida, procuramos: (i) analisar as práticas dos criminosos na Cidade de Maputo, concretamente no Bairro da Polana-Caniço “A”; (ii) discutir os distintos crimes protagonizados por jovens; e (iii) descrever as percepções e práticas de crimes existentes bem como caracterizar os actores envolvido na prática da criminalidade.

O material etnográfico recolhido no presente estudo, permitiu-nos identificar três percepções existentes no Bairro sobre o crime. As primeiras percepção que encontramos têm a ver com a insegurança associada aos negócios em casa; a segunda percepção tem a ver com a insegurança de andar no período nocturno e locais degradados e a terceira percepção tem a ver com a insegurança das próprias casas.

Diferentemente das percepções encontradas no seio desta sociedade, o mesmo estudo permitiu-nos constatar algumas práticas dos crimes e os *modus operandi* dos criminosos. Estas práticas encontram-se organizadas em cinco categorias de modo a permitir a sua compreensão que passamos a destacar: as agressões físicas e violências nas vias públicas; os arrombamentos nas residências em

plena luz do dia e na calada da noite; roubos e assaltos à mão armada nas residências e estabelecimentos; o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e o consumo de drogas.

No âmbito das percepções e práticas dos crimes cometidos nessa zona residencial, o estudo constatou através do material etnográfico que o crime é desencadeado pelos próprios residentes deste Bairro para proveito próprio. Neste Bairro assiste-se a falta de interacção entre os residentes e a Polícia da República de Moçambique, visando à denúncia dos criminosos para posterior acção de captura pela Polícia desses mesmos criminosos para uma análise e esclarecimento dos variados crimes que assolam o Bairro. Pois, é nos encontros entre a Polícia e a Comunidade aqui residente ou em reuniões onde poderia haver a troca de informação e experiências que poderiam contribuir para eliminar este mal que enferma o bairro objecto de estudo.

A falta de uma colaboração efectiva dos residentes do Bairro da Polana Caniço “A” junto das autoridades policiais dificulta, sobremaneira, a pesquisa e a identificação dos criminosos, uma vez que a informação é prestada através de outras fontes. Deste modo, este cenário não contribui para que ocorra com facilidade a investigação e posterior esclarecimento dos crimes.

Os dados de campo permitem-nos realçar que a realidade descrita em epígrafe, deriva do facto de reinar o medo de fazer a denúncia dos criminosos porque pode resultar em ajustes de conta protagonizados pelos denunciados, ou porque existe uma relação de familiaridade entre os residentes e os criminosos em causa, cujos produtos resultantes do crime com eles partilham no seu auto-sustento. Assim sendo, constatamos que a maior parte dos residentes sente-se ameaçada pelos criminosos de maneira continuada, o que propicia um clima de medo generalizado, pois o Estado não consegue controlar e estancar o fenómeno.

A teimosia para a prática criminal é vista como resultado de falha do papel dos sistemas prisionais na ressocialização dos reclusos. Tal como sustenta Foucault (2008), na sua obra intitulada *Vigiar e punir história da violência nas prisões*, que desde a sua origem a prisão esteve lidada a um programa de transformação de indivíduos, tendo por função modificar os sujeitos criminosos tornando-os virtuosos, hábeis para os trabalhos úteis doces e ressocializados para o retorno à sociedade. Este autor, sustenta que esse papel das instituições prisionais falhou, porque tem-se verificado que, a

prisão em vez de devolver a liberdade de indivíduos corrigidos, cria mais ensejo que antes de voltar para ela e isso se espelha pelo facto de que os condenados são em proporção considerável antigos infractores.

As conclusões a que se chega mostram que é neste ponto onde reside a parte chave do problema, na medida em que o criminoso é membro de uma determinada família, a residir num determinado Bairro ou numa determinada região da nossa sociedade mas porque não é denunciado, encontra a solução de parte dos seus problemas, recorrendo aos rendimentos criminais até mesmo para propósitos como a sua subsistência ou levar seus filhos à escola, propiciando deste modo que o crime se difunda como uma via mais rápida para a obtenção da riqueza.

7.1. Bibliografia

BRANCO, V. 1980. *Criminologia*. São Paulo: Sugestões Literárias.

BRITO, L. 2002. *OS Condenados de Maputo*. Maputo: Programa PNUD de Apoio ao sector da Justica.

CABETTE, E. L. S. A. 2007. “Criminologia no século XXI”. *Revista Electrónica del Centro de Investigaciones Criminológicas de la USMP*. 3ªed. Peru: Pp. 1-33. Disponível em : <http://www.derecho.usmp.edu.pe/centro_inv_criminologica/revista/revista_electronica3.ht>.

Acesso em : 04 jul. 2013.

CONDE, F & HASSEMER, W. 2008. *Introdução à Criminologia*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
Conselho Executivo da Cidade de Maputo e Cooperação Francesa. 1997. Carta de Endereçamento da Cidade de Maputo: Cooperação Francesa.

DURKHEIM, E. 1995. *As regras do método sociológico*. 15ª ed. São Paulo: Editora Nacional.

DIAS e ANDRADE. 1997. *Criminologia*. O Homem Delinvente e a Sociedade Criminógena. Coimbra, Coimbra Editora.

FÉLIX, R. 2015. *Mecanismos de Gestão de Casos de Roubo entre os residentes do Bairro Polana Caniço “A”, Cidade de Maputo*. Tese para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de letras e Ciências Sociais - UEM.

FERNANDES, N e FERNANDES, V. 2002. *Criminologia Integrada*. 2ª Ed. São Paulo: Editora dos Tribunais.

FERREIRA, P. 2000. “Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência”. *Sociologia: Problemas e Práticas*.

FERRI, E. 2009. “Criminal sociology”. Valde Books (versão Kindle). Pp. 208-212.

FOLIO, F. 2007. *La Criminalité a Maputo, Mozambique: origine, distributionatre percussions spatiales*. Cybergeo: European Journal of Geography, Espace, Société, Territoire,. Disponível em: «<http://cybergeo.revues.org/index7492.htm>». Acesso 12 de Maio 2015.

FOUCAULT, M. 1975. *Vigiar e Punir o Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Editora Vozes.

GEERTZ, C. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

GEERTZ, C.1989. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livro Técnicas Científicos.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). 2004. *Atualização das Projeções da População por província (1997-2015)*. 2.^a Edição. Maputo: Série: Estudos n^o. 2.

JUNOD, H. 1996. *Usos e Costumes dos Bantos*. Tomo I e II. Lourenço Marques: Arquivo Histórico de Moçambique.

MALINOWSKI, B. 2003. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. 2^aed. Brasília: UnB.

MALÓ, A. 2017. *Moradores e Suas Experiencias em torno do crime. Estudo de caso a partir da Baixa da Cidade de Maputo*. Tese para obtenção do grau de Licenciatura e Antropologia- nas Faculdade Letras e Ciências sociais- UEM.

MARCONI, M. A & LAKATOS, E. M. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5^aed. São Paulo: Atlas.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. 2008. *Polícia da República de Moçambique: Dados Estatísticos. Comando da Cidade de Maputo*. Maputo.

PAULINO, A. 2003. *Criminalidade Global e Insegurança local – O caso de Moçambique. Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional Direito e Justiça no Século XIX*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

QUIVY, R & CAMPENHOUDT. V. 2005. “A observação” in *Manual de Investigação Em Ciências Sociais: Trajectus*. 4ª Ed. São Paulo: Gravida.

RICHARDSON, R. 1999. *Pesquisa Social, Método e Técnico*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, Pp: 208-212.

TADEU, R. 2016. *Criminalidade na Polana-Caniço*. Maputo: Ed Número.